SALÃO DE ARTES VISUAIS DE CHAPECÓ NEOCY FIN

- Catálogo 2023 -

FICHA INSTITUCIONAL

João Rodrigues
Prefeito

Itamar Antonio Agnoletto
Vice-prefeito

Luiz Fellipe de Quadros Belusso
Presidente da Fundação Cultural de Chapecó

Silvia Baggio
Gerente de Cultura, Patrimônio Histórico e Memória

Ricardo de Pellegrin (Ricardo Garlet)
Coordenador Técnico de Artes Visuais da FCC

Cleusa Bolsoni Peron
Coordenadora de Equipe

Joziane Carneiro da Rocha
Estagiária Setor de Artes Visuais

FICHA TÉCNICA

“SALÃO DE ARTES VISUAIS DE CHAPECÓ NEOCY FIN - 2023”
Exposição

Augusto Henrique Lopes da Costa
Marcos Walickosky de Carvalho Júnior
Nilton Santo Tirotti
Comissão de Seleção e Premiação

Ricardo de Pellegrin (Ricardo Garlet)
Organização e expografia

Galeria Municipal de Arte do Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo de Nes
Local

De 13 de maio a 07 de julho de 2023
Período

Neocy Fin. “Cidade” (detalhe). Acrílica sobre tela, 190 X 98 cm. 2009. Acervo do Museu de História e Arte de Chapecó
Imagem da capa

Biblioteca Pública Municipal Neiva Maria Andreatta Costella
Museu de História e Arte de Chapecó
Instituições parceiras

EDITAL DE CONCURSO N° 010/2022 - SELEÇÃO DE OBRAS PARA O SALÃO DE ARTES VISUAIS DE CHAPECÓ “NEOCY FIN”

SALÃO DE ARTES VISUAIS DE CHAPECÓ

NEOCY FIN

- Catálogo 2023 -

Artistas selecionados (ordem de classificação)

Rafazildo

Janaína Corá

Juliana Povala

Giovana Tartas

Angélica Lüersen

Ana Orlandin

Gerson Witte

Mari Baldissera

Sonia Loren

Maycon

Karay Yapua

Xico Bracht

Márcia Moreno

Guilherme Liberali

Bruna Arruda

Ale Gnovatto

Ale Favretto

Renan Picoli

Adriana Satiskuna

Aline Stochi

SUMÁRIO

Texto de apresentação 5
Artista homenageada - Neocy Fin (1959-2022) 6-7
Rafazildo (1° Lugar) 8-9
Janaína Corá (2° Lugar) 10-11
Juliana Povala (2° Lugar) 12-13
Giovana Tartas (3° Lugar) 14-15
Angélica Lüersen (4° Lugar) 16-17
Ana Orlandin (5° Lugar) 18-19
Gerson Witte 20-21
Mari Baldissera 22-23
Sonia Loren 24-25
Maycon 26-27
Karay Yapua 28-29
Xico Bracht 30-31
Márcia Moreno 32-33
Guilherme Liberali 34-35
Bruna Arruda 36-37
Ale Gnovatto 38-39
Ale Favretto 40-41
Renan Picoli 42-43
Adriana Satiskuna 44-45
Aline Stochi 46-47

“*Sou uma apaixonada pela arte.*”

Neocy Fin (1959-2022)

Texto de apresentação

A paixão expressa por Neocy Fin pela arte em sua trajetória como artista visual é reconhecida, *in memorian*, por meio do nome do Salão de Artes Visuais de Chapecó. O Salão retoma, no ano de 2013, a tradição dos salões de Artes Visuais promovidos pela Prefeitura de Chapecó, eventos que sempre colaboraram para a constituição do cenário local das artes visuais.

A proposta do Salão foi fomentar, por meio de edital de seleção, a economia criativa e valorizar os artistas visuais que atuam no município, considerando que a seleção foi destinada apenas para artistas locais para compor exposição e catálogo.

Entre os inscritos no Edital foram selecionadas, pela comissão de Seleção e Premiação, 20 obras para compor a exposição e o catálogo. Foi concedida premiação especial aos 05 (cinco) melhores classificados, com dois premiados em segundo lugar. Além destas 20 obras integra a exposição a pintura “Cidades” de autoria de Neocy Fin, trabalho que foi doado pela própria artista ao acervo da PMC.

Os artistas selecionados são (em ordem de classificação): Rafazildo, Janaína Corá, Juliana Povala, Giovana Tartas, Angélica Lüersen, Ana Orlandin, Gerson Witte, Mari Baldissera, Sonia Loren, Maycon, Karay Yapua, Xico Bracht, Márcia Moreno, Guilherme Liberali, Bruna Arruda, Ale Gnovatto, Ale Favretto, Renan Picoli, Adriana Satiskuna e Aline Stochi.

Ricardo de Pellegrin (Ricardo Garlet)
Coordenador técnico de Artes Visuais da FCC. Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFSM. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFSM. Graduado em Artes Visuais, Bacharelado em Pintura e Licenciatura, pela UFPel.

ARTISTA HOMENAGEADA

Neocy Fin (1959-2022)

(In memorian)

Artista natural de Chapecó/SC iniciou seus estudos na área artística em 1978 cursando Bacharelado em Desenho e Plástica, na Universidade Federal de Santa Maria/RS. Sua trajetória é composta por várias exposições coletivas e individuais em diversos estados brasileiros, incluindo uma turnê coletiva pela Argentina. Foi sócia fundadora da Associação Chapecoense dos Artistas Plásticos – ACHAP. Participou de Salões de Artes Oficiais, recebendo prêmios e convites, também atuou como Diretora Municipal de Cultura na década de 90, na cidade de Chapecó/SC. Em suas obras, Neocy buscava provocar e constatar uma substância criativa além das aparências.

Fonte: www.oestemais.com.br

Neocy Fin

Cidade

Acrílica sobre tela

190 x 98 cm

2009

Acervo do Museu de História
e Arte de Chapecó

Rafazildo

REBULIÇO

Tecidos costurados, bordados, aviamentos e aplicações

100 x 90 cm

2023

1º Lugar

0 trabalho “REBULIÇO” é o resultado de um processo de acúmulo, recorte e materialização de memórias. A proposta surge como um amontoado de coisas, processos, imagens, recortes e lembranças materiais e imateriais, que fazem parte de minha história e da minha vivência. Composto por diversas técnicas, o trabalho tem como base tecidos diversos que foram unidos por costura manual, sobre ele bordados com linhas, pedras, aviamentos aplicados, fotos encapsuladas, e materiais diversos convencionais e não convencionais, utilizados nesta composição de uma superfície ornamentada por memórias e signos pessoais.

Rafazildo

Janaína Corá

Quando da presença dela

Óleo sobre tela

100 x 95 cm

2023

2° lugar

A pintura “Quando da presença dela”, é um óleo sobre tela e mede 100 x 95 cm, realizada em 2023. A obra foi pensada considerando a trajetória da artista chapecoense Neocy Fin, professora de gerações, personalidade forte na criação da Escola de Artes de Chapecó e valorização da arte local. A artista e amiga que partiu abruptamente.
Sob essas circunstâncias a superfície da pintura recebe a matéria que também sonha, como escreveu Iberê Camargo, ele nos lembra que "Nós não poderíamos testemunhar o hoje se não tivéssemos por dentro o ontem, porque seríamos uns tolos a olhar as coisas como recém nascidos, como sacos vazios". Quando da presença dela é uma resposta que também é interrogação da sua falta.

Janaína Corá

Juliana Povala

Fila da Ansiedade

Acrílica sobre papel Canson 300m/g com aplicação de folha de ouro

100 x 77 cm

2021 à 2022

2° lugar

O trabalho “Fila da Ansiedade” foi feito durante um período de confronto pessoal, o acúmulo de ideias internas expostas no papel; A folha de ouro traz os momentos de luz bem como na sequência a escuridão, altos e baixos, buscando um equilíbrio na fila da vida.

Juliana Povala

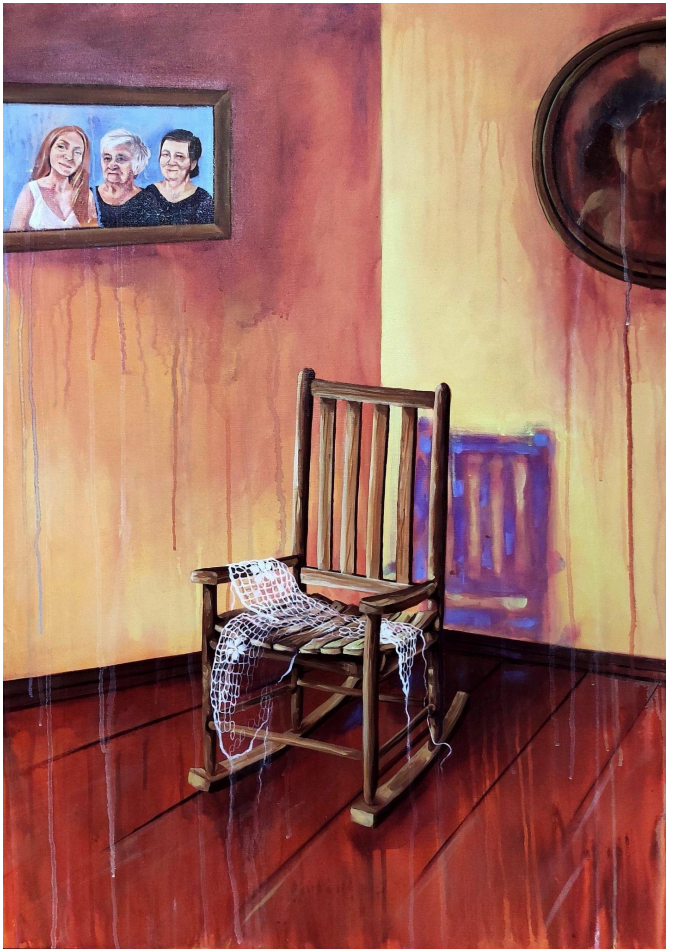
Giovana Tartas

restou Filé

Acrílica sobre tela

70 x 100 cm

2023



3° lugar

O trabalho "restou Filé" é pensado a partir das rendas crochê filé, de produção ancestral, passada de geração para geração, e o resgate do seu fazer, majoritariamente, realizado por mulheres. Mulheres que muitas vezes vem a ser invisibilizadas, porém em contrapartida desenvolvem um trabalho manual complexo de tramas e desenhos.

Giovana Tartas

Angélica Lüersen

Água ou veneno?

Fotografia digital, impressa no formato fine art, em Hahnemühle Cézanne Canvas, emoldurada em caixa alta e canaleta, na cor preta

62 x 92 cm

2022

4º lugar

A fotografia intitulada “água ou veneno?” é uma provocação em dois aspectos. O primeiro deles é em relação à importância que os textos verbais assumem em relação às imagens, uma vez que nos preparam para os sentidos. Se vos ofereço dois copos translúcidos, dispostos um ao lado do outro, ambos cheios de um determinado líquido transparente e junto do primeiro está uma etiqueta com a legenda “água”, enquanto que junto ao segundo o texto diz “veneno”, qual deles você beberia? Provoco tal pensar porque entendo que nem sempre as imagens se asseguram, por si, de toda a potencialidade do dizer. Sem os textos, aparentemente os dois copos trazem o mesmo conteúdo. Com os textos, tudo muda. Mesmo o título desta imagem ajuda a alcançar melhor os sentidos criados para ela. E aí reside o segundo aspecto: a fotografia registra a cachaça artesanal sendo servida pelas mãos de quem a faz desde muitos anos. Mas ele não bebe cachaça. Diz que para ser capaz de fazer o derivado da cana, precisa estar distante, porque a cachaça sendo vício, se torna veneno.

Angélica Lüersen

Ana Orlandin

Eutimia

Acrílica sobre tela com aplicação de purpurina

100 x 70 cm

dez. 2022

5° lugar

Faço uma pausa para contemplação.
Lanço um olhar silencioso sobre a nossa paisagem, trago a intenção de estar presente e sentir o que as cores dizem através da variação da luz.
Aqui permito-me apreciar os segundos, cruzando uma paleta completa de tons e sensações, é onde mais sinto a conexão com corpo e mente, acessando o ser criança e deixando as cores e o lúdico serem absorvidos e observados de forma pura.
Sintetizar todas as nuances de cores e de resgates emocionais numa estética mais surrealista tem sido minha grande paixão. Retrato em tela e tinta acrílica a forma como vejo as paisagens de fim de tarde.
Escolho tons vibrantes para representar todo o estímulo que o céu e o sol nos causam, minimizando os detalhes e transformando a paisagem em silhuetas onde a linha do horizonte se mistura em formas sinuosas e espontâneas em muitos tons de verde.
Alcanço uma paz preciosa. Observo até as cores virarem uma só.

Ana Orlandin

Gerson Witte

O Minotauro Encontra Tarsila

Nanquim e Aquarela sobre papel

20 x 30 cm

Pesquisando sobre a história da chegada dos europeus na região sul brasileira no século XVI, me deparei com a figura de Álvar Núñez Cabeza de Vaca, conquistador espanhol que percorreu a trilha indígena do Peabiru, partindo do litoral catarinense e percorrendo a pé o caminho indígena até a cidade de Assunção, no Paraguai. Desta forma, ele se tornou o primeiro europeu a ver as Cataratas do Iguaçú. Cabeza de Vaca era um nome nobre de origem materna, com o qual se tornou muito conhecido, mas o que não o livrou da prisão na antiga província do Rio da Prata. Sua história é incrível, ainda mais que, em suas andanças, poderia ter sido também o primeiro europeu a percorrer os campos de Palmas, no que é hoje o oeste de Santa Catarina. O ano de 2022 marcou o centenário da Semana de Arte Moderna, evento que aconteceu em São Paulo e se tornou o marco da história da Arte brasileira. Neste movimento, a artista Tarsila do Amaral criou diversas imagens icônicas, como o Abaporu, a Cuca, entre outros. Pensando no movimento modernista na região, referenciei o Museu Oscar Niemeyer, como um monstro mitológico e marcaria um dos lugares onde Cabeza de Vaca, transformado em um Minotauro, teria que enfrentar para poder seguir ao Oeste, pelas serras de araucárias. Criei a obra de forma antropofágica, seguindo o lema modernista. O Minotauro europeu é guiado pelo Tucano Grande (nome do líder guarani que autorizou o uso da trilha do Peabiru), afugenta a Cuca e o lagarto, sendo vigiado pelo Abaporu e o Grande Olho. Atrás de si, um guarani caído, sendo velado por um frei franciscano e um soldado espanhol. Assim, a mitologia europeia enfrenta os mitos brasileiros, interpretados por Tarsila do Amaral, cercados de araucárias e curicacas em pleno sertão meridional brasileiro.

Gerson Witte

Mari Baldissera

Sem título – da série “Tratativas de simplicidade”

Fotografia digital. Papel fotográfico, Foam board, moldura em madeira.

30 x 40 cm

2023

Há alguns anos, folheando uma revista dessas que tem artigos, matérias e ilustrações com o intuito de fazer a gente se sentir melhor, me deparei com o termo “simplicidade voluntária”. A ideia não é nova, muitos pensadores ao longo da história defenderam e defendem que uma vida mais simples traz mais leveza e felicidade. A partir da ideia da “simplicidade voluntária”, comecei a mudar meu estilo de vida, revendo hábitos de consumo, priorizando experiências ao invés do acúmulo de bens materiais, passando mais tempo na natureza, praticando Mindfulness. Esse movimento foi tão intenso, que se refletiu na minha forma de fotografar. A série “Tratativas de simplicidade” é uma grande coleção de fotografias digitais, pautadas na minha busca por uma vida mais simples e minimalista.

Mari Baldissera

Sonia Loren

SUBMERSA – NOSOUTRAS

Fotografia e intervenção digital, impressão em papel algodão com moldura em madeira crua e vidro

60 x 80 cm

2022

“Submersa” investiga a imagem em movimento de um vestido de noiva posto, em primeira instância, em um estado aquoso. O vestido, idealizado e encomendado para as experimentações artísticas, protagoniza a ação. Em algumas cenas me coloco como um personagem a performar, mas o interesse nesta série é criar camadas de apreensão de uma possível realidade, de ficção, um estado de sonho, devaneio, de profundidade, de desejo. “Submersa” é apresentada aqui como um caminho para submergir, busca em suas referências visuais destacar a profundidade oceânica, o fôlego da superfície, a água como símbolo da vazão, a textura da construção pictórica, o vestido como anima. Nas manipulações de imagens, busco visualidades conceituais apoiadas no cinema, sobreposições de stills de roteiros como “As idades do Amor” (2011), “O tempo de Anna” (2016) e “A amiga genial” (2018) enlaçam temas de liberdade e personalidades feminina. Em uma produção e investigação que já beira a marca de mais de 500 imagens, a imagem aqui apresentada é um recorte. Na imagem “Submersa - Nosoutras” a primeira imagem é realizada com o vestido branco encenado junto ao véu de noiva, amarelado pelo tempo, que pertenceu a minha Nonna materna italiana e herdado pela minha mãe, hoje aos meus cuidados. Histórias de mulheres da família se entrelaçam. Num segundo momento a sobreposição de uma imagem de still de filmes de produções de cinema, cenas de um varal e suas roupas penduradas despertam o interesse da captura do frame. A imagem passa por vários experimentos de cores para chegar ao resultado final.

Sonia Loren

Maycon

A Origem da Água

Nanquim e café sobre Papel Hahnemühle 100% algodão – 300 g/m² com moldura produzida manualmente

100 x 80 cm

2023

Essa obra foi pintada em papel Hahnemuhle 100% algodão – 300 g/m² com pincel e caneta nanquim, utilizando café para fazer o fundo. Tentei colocar o máximo de grafismo que lembra o povo kaingang, e uma tartaruga, que é o símbolo do conto indígena que me inspirou nessa obra.
O conto Kaingang fala de quando os primeiros homens chegaram na terra. Procuraram por rios e água e não encontraram. Porém um beija – flor viu que eles tinham sede, e voava até uma tartaruga que fazia seu repouso em cima de um buraco de água. Ele enfiava o bico por baixo e depois jogava nos homens. Um certo dia os homens comeram mel, e ficaram com muita sede, e então decidiram seguir o beija-flor. Quando chegaram lá e viram a tartaruga, pensaram que era uma pedra e tiraram ela dali. Logo depois começou a escorrer água do buraco que foi formando os rios e oceanos da terra.
A ideia dessa pintura é mostrar um pouco da cultura que tem aqui no nosso quintal, foram 4 dias (20 horas) de imersão nessa história.

Maycon

Karay Yapua

Criação de Nhanderu

Acrílica sobre tela

33 x 34 cm

2023

Essa pintura expressa tudo que Nhanderu criou para o mundo. Os elementos da natureza que estão pintados, apresentam muita força para o povo guarani. A água, o sol e a lua, o dia e a noite, as flores, os animais e as plantas. O colibri, beija flor (Mainoʼĩ) que aparece na pintura, significa mensageiro, protetor, é sagrado para nós. A onça, (yaguareté) representa a força que os animais tem, assim como a águia, os macacos e todos os animais. Nós somos todos um só, nos misturamos, essa é a força da Natureza. Para o povo guarani, quando morremos, poderemos voltar como um animal ou uma planta, Nhanderu nosso Deus, quem decide.
Por isso, que nesta pintura estamos todos nós, todas as formas de vida, tudo que precisamos para Viver.

Karay Yapua

Xico Bracht

Quixote e Os Sete Dragões

Sucata de ferro com solda e pintura com tinta spray

22 x 94 x 37 cm

2022

No plano dianteiro esquerdo vemos a figura de um guerreiro. Traz no braço esquerdo um pequeno escudo. Na mão direita empunha uma lança que tem em seu bojo um luminar em forma de cristal para clarear seu caminho. O aspecto do personagem mescla o guerreiro com o mago emprestando-lhe um tom místico. Sua posição em marcha, com um pé em seu terreno e outro no campo de batalha significa que para enfrentar nossos dragões temos que sair de nossa zona de conforto. Em segundo plano temos sete moinhos de vento. Os sete dragões de Don Quixote que nos remetem para os sete pecados capitais da humanidade, que devem ser enfrentados e, no mínimo, dominados durante nossa vida. As cores acendem da esquerda para a direita mostrando que no caminho da evolução humana, cada etapa é mais quente e mais viva a de diamante nos lembra de não esquecermos da beleza.

Xico Bracht

Márcia Moreno

Do pó viemos, ao pó retornaremos

Instalação, cerâmica e materiais diversos

15 x 100 x 10 cm

2023

"Do pó viemos, ao pó retornaremos", título desta obra (instalação), faz alusão ao trecho bíblico que consta no livro de Gênesis, quando Deus fala com Adão. Neste diálogo Deus relaciona a vida/morte advinda da argila/barro que, quando se encontra a superfície, é pó.

Considerando a pandemia (COVID-19), que assolou a população mundial, muitas reflexões conflitantes envolveram as pessoas, trazendo uma certeza, a de que a morte é real e pode estar próxima.

Nos tornamos mais sensíveis, mais perceptíveis. Passamos a valorizar os pequenos momentos. Nossas histórias, trajetórias. A obra aqui apresentada trata deste ciclo. Inicia com dois potes (o frasco representa a proteção da vida, no entanto, é frágil), contendo palavras que remetem a trajetória de dois seres que geram uma vida (o masculino e o feminino), um novo ciclo e esse é representado por formas simples (os dois frascos seguintes) e que, com o passar da sua construção enquanto história de vida, vai modelando a sua própria trajetória.

O frasco maior é imponente. O ser o qual se tornou a partir de suas ações, emoções, refletem sua postura, sua conduta, mas sua fragilidade ainda é perceptível.

O tempo passa, e passa para todos! A vitalidade definha, mas as histórias permanecem. O barro vai retornando, aos poucos, à sua origem. Vai se curvando ao encontro do solo de onde iniciou sua trajetória (antepenúltimo e penúltimo frascos). Contudo, o barro vira pó, ficam suas "cascas" (Didi-Huberman, 2017), para contarem suas próprias histórias (último frasco).

Márcia Moreno

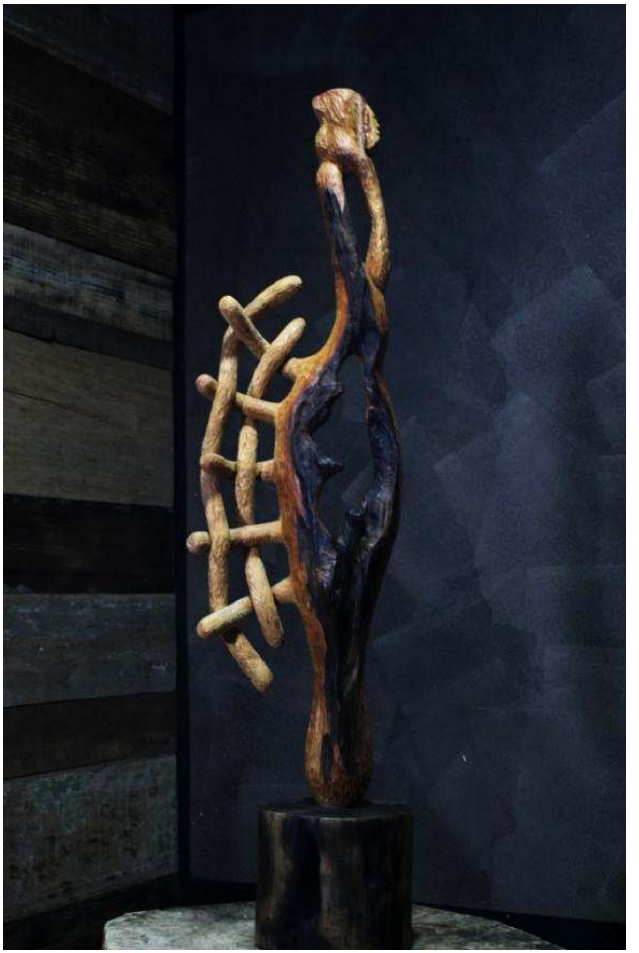
Guilherme Liberali

A estrutura de união entre o humano e a natureza

Entalhe em Açoita

93 x 23 x 16 cm

2023



O “esculpido”, ou o produto final, contém apenas o derivado do que pode ser entendido como a arte contida no processo, o “esculpir”. Todas as etapas do esculpir estão ocultas no interior do objeto quando este, finalizado, entra em contato com a realidade manifestando sua “aura”, característica humana de distinção dos meios reprodutíveis da máquina que tudo mercadoriza.

Guilherme Liberali

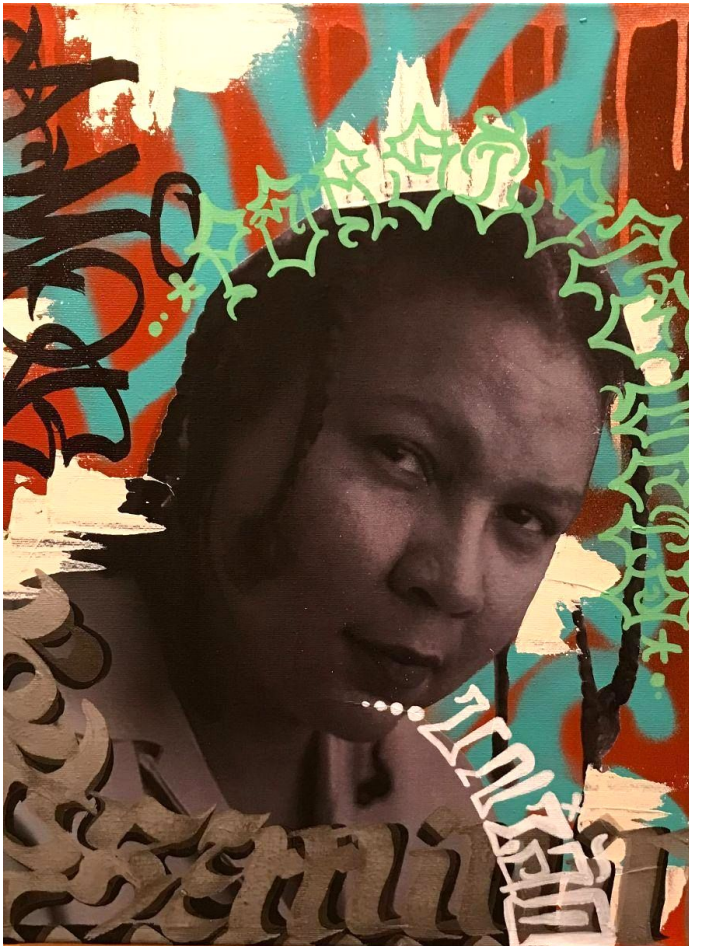
Bruna Arruda

Pertencimento

Acrílica e colagem sobre tela

40 x 30 cm

2023



“Pertencimento” foi criada a partir da necessidade de representação feminina na arte, mais precisamente no Graffiti, essa representatividade tem grande importância para as mulheres para estabelecer seu espaço muitas vezes no seu bairro, na cultura, na sociedade como um todo. O movimento do Hip-Hop e sua rica cultura contribuíram como referência principal para minhas últimas obras e continuam me acompanhando em meus estudos diários.

Me identifico muito com a técnica de pintura do Graffiti e me aproprio dessa estética para customizar a caligrafia, ressaltando e dando ênfase a importância da escrita dentro de nossa sociedade como maneira de expressão mais genuína, levando em consideração toda sua trajetória na história da humanidade.

E ninguém melhor para representar toda força e poder feminino do que a autora, professora, feminista e ativista antirracista Gloria Jean Watkins, também conhecida pelo seu pseudonimo bell hooks como centro de inspiração para mostrar que mulher e Graffiti também podem ocupar seu lugar na galeria. Para a composição da obra foram utilizadas as técnicas de recorte e colagem, pintura com tinta a óleo e tinta acrílica, spray e marcadores que são responsáveis por trazer e marcar a estética do graffiti e suas letras customizadas. Por amor às minorias, por amor às letras!

Bruna Arruda

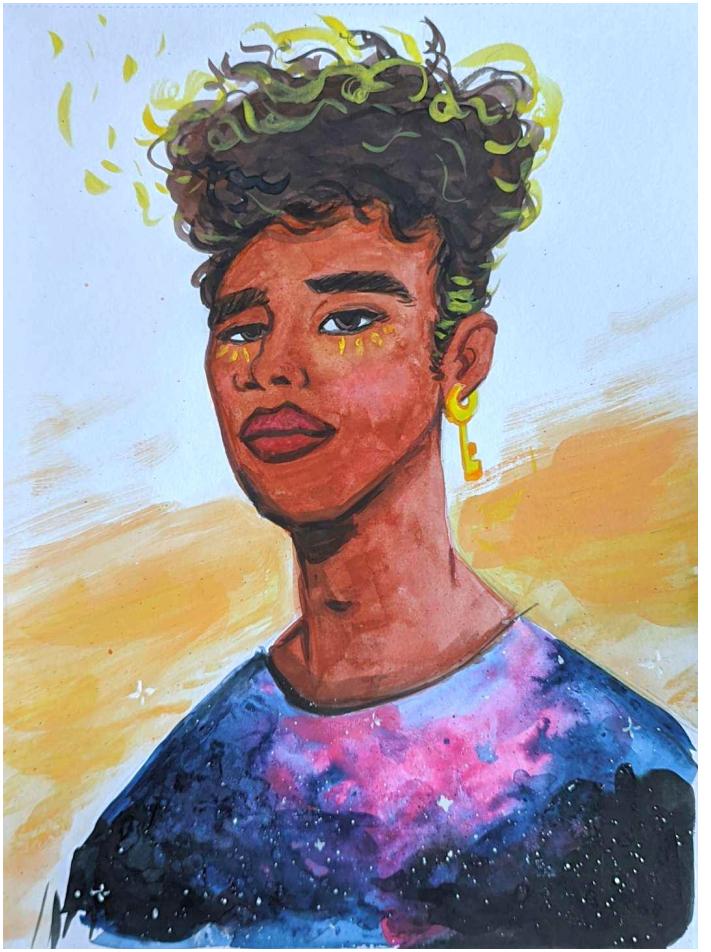
Ale Gnovatto

Espelho da Alma

Tinta guache e lápis de esboço colorido.

28,5 x 21 cm

2022



Pra quem busca autoconhecimento, é natural perceber que quanto mais a gente se afunda em nós mesmos, buscando se auto conhecer (formas de pensar, hábitos conscientes e inconscientes, gostos e desgostos, qualidades e defeitos, espiritualidade, etc), percebemos que somos muito mais intenso e profundos que poderíamos imaginar. A cada passo que damos pra dentro de nós, é como se abríssemos uma nova porta, uma nova camada que só a gente possui a chave para abrir. Quando alia esse autoconhecimento com estudos sobre espiritualidade em geral, é comum encontrar a frase "O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima." de Hermes Trismegisto, e eu uso ela como uma representação paralela da infinitude que há dentro de nós para com a infinitude que existe no universo a nossa volta, ambos profundamente e infinitamente desconhecidos.
Para essa pintura, usei guache profissional, com traços mais definidos da guache quando quero representar movimento e energia cósmica e aguadas com a guache no estilo aquarela para representar o espaço esfumado. Gosto das manchas aleatórias que a guache quando mais aguada pode trazer, é como se a tinta tivesse vida e movimentos próprios até o momento de secar, e quando eu olho novamente para a pintura depois de seca, ela está diferente, assim como o universo em movimento que sempre quando é observado não se encontra no mesmo lugar.

Ale Gnovatto

Ale Favretto

Sai do sol, vai ficar preta

Fotoperformance, sequência de 22 fotografias

15 x 21 cm (cada imagem)

2022

“Sai do sol, vai ficar preta” é uma memória da minha infância. Minha família alertava toda vez que eu brincava muito tempo no sol, na expectativa de me proteger e de tentar evitar a discriminação, que, principalmente, pessoas pretas (retintas) historicamente enfrentam. Faço parte da etnia negra e me autodeclaro parda, multirracial. Nesse grupo étnico-racial, sou “aceita” com menos desafios em relação às pessoas de pele retinta. Ainda assim, enfrento racismo — uma prática histórico-estrutural e, atualmente, inaceitável. Apesar dessas situações terem provocado medo na minha família é gerado esse lugar de defesa, é importante perceber que essa frase ganharia outro sentido vinda de uma raça branca, pois reforça a ideia do outro não querer ocupar esse lugar pela questão estética, assim como Johann Friedrich Blumenbach, que categorizou a sociedade em raças porque acreditava que os brancos eram os mais bonitos e tinham esse privilégio em relação a todas as outras raças, mesmo que não tivesse nenhum embasamento científico. Por isso, planejei a produção de um crânio, com o intuito de questionar o que a sociedade considera “beleza racial”, representando também os homicídios e feminicídios por raça. A escolha do crânio como objeto performático também consiste na importância do sol para a saúde, fortalecendo especialmente os ossos e os dentes, que todos têm independentemente da raça. Por fim, emprestei o meu corpo para o crânio e conversei com esse objeto performático exposto ao sol, à disposição da câmera, permitindo relembrar a minha infância, meus desafios e interagir com todas as questões que envolvem essa temática por meio da expressão corporal e da composição estética. Para expor, materializei trabalho em papel fotográfico fosco, 15X21, propondo a apresentação em formato circular, como um relógio do sol, retratando o tempo, os ciclos, as experiências e os (re)começos.

Ale Favretto

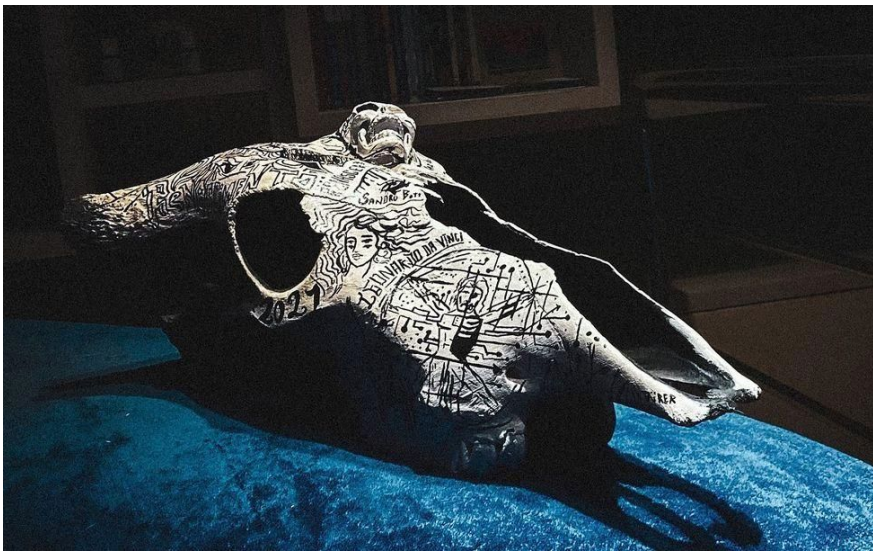
Renan Picoli

(Re)Nascimento

Customização de crânio de touro com aplicação de crânio de argamassa e acabamento em tintas acrílicas, tinta spray, canetas Posca e verniz

23 x 55 x 30 cm

2021



Michelângelo já dizia: “A arte pode vencer a natureza, desde que o artista deixe nela a sua arte".
O artista traz vida e sentimento para objetos inanimados, fazendo com que a morte, temida pelos homens, torne-se beldade para os olhares mais pessimistas e eternize aquilo que iria apenas perecer. Em vida, minha arte retrata a morte e a personificação. Em morte, minha arte será a perpetuação da minha vida.

Renan Picoli

Adriana Satiskuna

Leve sonhadora

Quilling, papel canson colorido na massa, cola pva e pérolas

29,5 x 19,5 cm

2022

A proposta, que envolve a arte feita com papel, traz à tona a beleza da mulher negra e sua resistência.
“Leve sonhadora”, contempla a liberdade, o sonho e a beleza no movimento do vestido e gestos das mãos.
A obra foi feita em homenagem ao dia 25 de julho dia Internacional da Mulher Negra, data que relembra o marco internacional de luta e resistência da mulher negra para reafirmar a necessidade de enfrentar o racismo e o sexismo vivido até hoje por mulheres que sofrem com a discriminação racial, social e de gênero.
Essa data representa a luta de Tereza de Benguela, uma líder quilombola que resistiu à escravidão durante duas décadas no século XVIII, lutando pela comunidade negra e indígena que vivia sob sua liderança.

Adriana Satiskuna

Aline Stochi

Papagaio-de-peito-roxo

Óleo sobre tela

86 x 66.5 cm

2023

De papel importantíssimo na preservação das nossas florestas de araucária, represento aqui, um símbolo de resiliência. Sua beleza não impede o risco de extinção, mas reforça a sua atuação como importante símbolo da fauna de nosso estado.

Aline Stochi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S161

Salão de Artes Visuais de Chapecó Neocy Fin : catálogo 2023. / Ricardo de Pellegrin (Organização e expografia) ; artistas Rafazildo...[et al.] – Chapecó : Prefeitura Municipal de Chapecó, 2023.

47 p. : il.; 20 cm
Disponível em PDF

Exposição ocorrida em 13 de maio a 07 de julho de 2023 na Galeria Municipal de Arte do Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo de Nes.

1. Exposições de artes. 2. Arte contemporânea. 3. Arte - Reprodução - Exposições. 4. Artes – Chapecó – Catálogos.
I. Pellegrin, Ricardo de. II. Rafazildo.

CDD 708

Catalogação na fonte elaborada por Caroline Miotto Pecini CRB 14/1178

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CHAPECÓ

PREFEITURA DE CHAPECÓ

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CHAPECÓ

PREFEITURA DE CHAPECÓ